

“Não me aqueça, nem me arrefenta”: considerações a propósito da origem e evolução dos verbos terminados em -entar em português

“Não me aqueça, nem me arrefenta”: considerations around the origin and evolution of Portuguese verbs ending in -entar

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v6i1.29260>

Rui Abel Rodrigues Pereira

Professor Auxiliar do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

E-mail: rui.pereira@uc.pt

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3058-0205>

RESUMO

Os verbos terminados em *-entar*, como *amolentar*, *apodrentar*, *avelhentar*, *endurentar*, *enfraquentar*, *adormentar*, *acrescentar* ou *afugentar*, têm suscitado, ao longo dos anos, análises diversas no que diz respeito à sua morfologia e/ou ao seu modo de construção. Este subconjunto de verbos derivados é especialmente interessante pois não apenas nos fornece pistas sobre o processo de geração e de desaparecimento dos afixos, como também permite analisar como se desenrola o fenómeno de competição afixal (cf. *amolentar vs. amolecer*; *apodrentar vs. apodrecer*).

Neste artigo, para além de apresentarmos as questões fundamentais que a descrição destes verbos suscita em termos lexicogenéticos, analisaremos o percurso diacrónico do constituinte derivacional *-entar* desde os primórdios da nossa língua, avaliando os efeitos do fenómeno de competição mantido com outros processos verbalizadores, especialmente com aqueles que envolvem o elemento sufixal *-ecer*.

Palavras-chave: Formação de palavras. Morfologia. Derivação. Sufixo. Diacronia.

ABSTRACT

Verbs ending in *-entar*, such as *amolentar*, *apodrentar*, *avelhentar*, *endurentar*, *enfraquentar*, *adormentar*, *acrescentar* or *afugentar*, have given rise to different analyses regarding their morphology and/or construction. This subset of derived verbs is especially interesting as it not only gives us clues about the process of affix generation and disappearance but also allows one to analyze how the affixal competition phenomenon unfolds (cf. *amolentar vs. amolecer*; *apodrentar vs. apodrecer*).

In addition to presenting the key lexicogenetic questions raised by the description of these verbs, the present paper analyzes the diachronic path of the derivational constituent *-entar* since the early stages of the Portuguese language, evaluating the effects of the competition phenomenon maintained with other verbalizing processes, especially those that involve the suffixal element *-ecer*.

Keywords: Word-formation. Morphology. Derivation. Suffix. Diachrony.

Introdução

A expressão “não me aquenta, nem me arrefenta”, embora possa soar estranha ao ouvido do falante comum, é usada esporadicamente por falantes de algumas regiões de Portugal, nomeadamente da região do Alto Douro, podendo também ser encontrada em textos da internet (CLAMOTE, 2009; FERREIRA, 2008; MAGALHÃES, 2009; CARVALHO, M., 2013; entre outros). Correspondendo no português europeu padrão a “não me aquece, nem arrefece”, significa que algo não me incomoda ou que me é indiferente. Todavia, se *aquecer* e *arrefecer* são verbos do léxico atual, *aqueantar* e *arrefentar* suscitam juízos de arcaicidade, remetendo para estádios pretéritos da língua portuguesa.

Trata-se de um adágio com uma longa tradição na língua portuguesa. A atestação mais antiga que encontrámos desta expressão pertence à *Comedia Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, uma obra publicada em Coimbra em 1555. Nos séculos seguintes, esta expressão aparece repetida em várias obras literárias e lexicográficas.

- (1) “Ora rideuos vos a bel prazer, muyto y nas boas ourelas, que isso nã me descose ho sayo, nem maquêta, nem marrefenta”. (VASCONCELOS, J. F., 1555, Prólogo).
- (2) “Nem aquenta nem arrefenta”. (PAIVA, 1759, p. 139).
- (3) “Entendimento ha cá de casta da boca da raposa, de quem dizem as velhas, que aquenta, e Arrefenta”. (ROLLAND, 1780, p. 341).
- (4) “ARREFENTAR. v. a. ant. *Esfriar, tirar o calor*, Evfros. Prol. Que isso não me descoze o saio, nem me aquenta, nem me *arrefenta*. Ferr. De Vasc. Ulyssip. 3, 6 Chamavão os Antigos [ao vinho] triarga grande, aquenta ao frio, *arrefenta* o quente, amollenta o secco, secca o húmido. D. F. Man. Cart. 2, 22 Entendimento ha cá da casta da bocca da rapoza, de quem dizem as velhas ... que aquenta e *arrefenta*. Met. D. Cath. Inf. Regr. 2, 4 Por certo a lingoa solta cega e enfusca a mente, *arrefenta* o lume do espirito, secca a fonte das lagrimas &c.”. (ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA, 1793, p. 428).

- (5) “Que não me descoze isso o sáio, nem me aqueça, nem me arrefenta: olhade, Pero Voador, quanto menos d’essas mofinas aves por cá andarem, melhor [...]”. (SILVA, L., 1843, p. 169).

Em relação à origem do verbo *aquecer* têm sido levantadas duas hipóteses: (i) é a forma romance de um verbo já existente no latim vulgar, **accalento*, as, are, avi, atum (de *ad-* + *calentar*, frequentativo de *calere*) (HOUAISS *et al.*, 2002–2003); (ii) é o resultado da adjunção do prefixo *a-* ao radical do adjetivo *quente* (SAID ALI, 1964; MACHADO, 1991). Já *arrefentar* terá tido uma origem diferente. A semelhança formal de *aquecer* com verbos derivados com o constituinte sufixal *-entar* (e.g. *amolentar*, *apodrentar*), por um lado, e a existência do par de antónimos *aquecer* / *arrefecer*, por outro, terá motivado a geração analógica do verbo *arrefentar*. O raciocínio terá sido o seguinte: se *arrefecer* designa o oposto de *aquecer*, então *arrefentar* será o antónimo de *aquecer* (cf. VASCONCELOS, J. L., 1922, p. 118; NASCENTES, 1955, p. 45).

A alternância/oposição entre *-ecer* e *-entar* remonta ao período medieval. O *Dicionário de Verbos do Português Medieval* dá conta da coexistência de pares de verbos derivados como *adormecer/adormentar*, e de outros que não sendo derivados através daqueles constituintes sufixais tornam saliente a oposição entre as duas terminações (cf. *acaecer/acaentar*, *aquecer/aquecer*, *arrefecer/arrefentar*). Por conseguinte, estes verbos põem-nos não apenas perante o problema da geração e desaparecimento dos afixos, como também perante o fenómeno da competição afixal.

Neste artigo procuraremos responder às seguintes questões: (i) Qual é a origem do sufixo *-entar*? (ii) Por que motivo atualmente se preferem os verbos em *-ecer* aos verbos corradicais em *-entar*?

A análise que iremos propor assenta, em linhas gerais, nos conceitos de léxico e de morfologia derivacional propostos em Booij (2010, 2016), Rio-Torto (1998) e Rodrigues (2015, 2016a). Para estes autores, a morfologia derivacional (muitas vezes referida como *formação de palavras*) é um domínio interativo em que concorrem, através de interfaces, as estruturas da linguagem que intervêm na produção de lexemas pelos falantes, sejam estas novas unidades da língua ou unidades já existentes, mas cuja computação pode ser ativada na mente do falante no momento do ato discursivo. Para além disso, assumiremos que a capacidade de análise, interpretação e/ou de construção de um determinado item morfologicamente complexo é diretamente proporcional à quantidade de informação que o falante retém na memória. Essa informação inclui o conhecimento de constituintes morfológicos (afixos e bases lexicais), de esquemas mentais de construção de palavras, bem como de unidades lexicais morfologicamente construídas e da rede de relações que essas unidades estabelecem nos planos paradigmático e sintagmático (RODRIGUES, 2016a).

1. Verbos terminados em *-entar*

Em português, é possível formar verbos através de processos derivacionais diversos. Partindo-se do pressuposto de que a vogal temática não é um afixo derivacional, como argumentado em Pereira (2007, 2016), a formação de verbos pode ser realizada seja através de processos afixais – por prefixação (e.g. *aclarar*, *ensacar*, *esvaziar*), por sufixação (e.g. *suavizar*, *simplificar*, *escurecer*) ou por circunfixação (e.g. *atemorizar*, *amolentar*, *apodrecer*, *enlouquecer*) – seja por processos não afixais (e.g. *martelar*, *perfumar*), a que alguns autores dão o nome de “conversão” (BOOIJ, 2016; CORBIN, 2004; PEREIRA, R., 2007, 2016; VILLALVA, 2003, 2013; ZWANENBURG, 1998).¹ Por questões de simplicidade, usaremos, por vezes, a configuração de infinitivo (*-entar*) para nos referirmos ao constituinte sufixal em análise, embora se reconheça que esta terminação compreende três constituintes morfológicos distintos: *-ent* Sufixo derivacional + *a* Vogal Temática + *r* Sufixo de Infinitivo.

Dos 214 verbos terminados em *-entar* referenciados no *Vocabulário Ortográfico do Português*, a maioria consiste ou em verbos simples do ponto de vista sincrónico (cf. *sentar*, *tentar*) ou em verbos derivados de bases terminadas em *-enta*, *-ente* ou *-ento* (cf. *pimenta*: *apimentar*; *acidente*: *acidentar*; *ambiente*: *ambientar*; *corrente*: *acorrentar*; *alimento*: *alimentar*; *documento*: *documentar*; *fermento*: *fermentar*; *fragmento*: *fragmentar*; *medicamento*: *medicamentar*). A par destes, existe um grupo de verbos (cf. Quadro 1) que admitem análises morfológicas diversas do ponto de vista sincrónico, com variações ao nível do valor semântico-categorial que pode ser atribuído à base de derivação e, conseqüentemente, ao nível do valor afixal ou não afixal atribuído ao segmento *-ent-* que ocorre no final desses verbos.

Quadro 1 - Distribuição dos verbos em *-entar* em função do tipo categorial da base.

Base: radical de...	Verbos derivados
I. Nome ou verbo	<i>afugentar</i> , <i>amaamentar</i> ...
II. Adjetivo ou verbo	<i>acrescentar</i> , <i>adormentar</i> , <i>aferventar</i> , <i>aviventar</i> ...
III. Adjetivo ou nome	<i>abolorentar</i> , <i>apeçonhentar</i> , <i>ensanguentar</i> ...
IV. Adjetivo	<i>amolentar</i> , <i>apodrentar</i> , <i>endurentar</i> , <i>escurentar</i> ...

Fonte: Elaboração própria.

Não é fácil determinar, em termos sincrónicos, o padrão derivacional em que cada um dos verbos indicados se insere e, conseqüentemente, o processo morfológico ativado. Por exemplo, o verbo *afugentar* (grupo I) tanto admite uma leitura deverbal (“fazer fugir”) como a denominal (“pôr em fuga”), podendo em ambos os casos ser analisado como um verbo circunfixado (*a*[*fug*]*entar*). Não se pretende com esta visão anular o caráter histórico do português, ou a possibilidade de *afugentar* ter sido

¹ Alguns autores aventam a hipótese de estes verbos serem formados por meio de um sufixo zero (cf. MARCHAND, 1969; CARVALHO, J., 1984; ARIM; FREITAS, 2003), embora não haja evidências inequívocas de que assim seja.

criado a partir de “fugente”. Pretendemos apenas enfatizar o papel ativo que, em cada época, o falante tem de (re)avaliar a relação derivacional instanciada entre base e produto derivacional e, conseqüentemente, o esquema afixal ativado.

Por sua vez, um verbo como *aferventar* (grupo II) pode ser interpretado como “tornar fervente”, mas também como “fazer ferver”. Note-se, porém, que só a leitura deverbais permite analisar o verbo *aferventar* como circunfixado (*a*[ferv]*entar*).

Os verbos do grupo de *abolorentar* (grupo III), ao admitirem leituras denominais (“produzir/criar bolor”) a par da leitura deadjetival (“tornar bolorento”), colocam idênticas dificuldades de análise. Nestes casos, só a leitura denominal permite atribuir ao segmento *-ent-* o estatuto de afixo derivacional (cf. *a*[bolor]*entar*).

Há, todavia, um grupo de verbos (grupo IV) que remete de forma inequívoca para uma base adjetival perfeitamente identificável (e.g. *a*[formos]*entar*, *a*[mol]*entar*, *apodrentar*, *a*[velh]*entar*, *en*[dur]*entar*). A quase totalidade destes verbos resulta de um processo de circunfixação², uma vez que são formados pela adição simultânea do elemento prefixal (*a-* (o mais atestado), *en-* e *-es*³) e do elemento sufixal *-entar*, embora também seja possível formar verbos apenas com a adição do sufixo *-entar* (e.g. [escur]*entar*).

Quer a diversidade estrutural das formações em causa, quer a variação de interpretações que suscitam parece estar relacionada com a origem de *-entar* e/ou o seu percurso diacrónico pois, como nota Serrano-Dolader (2012, p. 487), “por más que el estudioso se sitúe en una perspectiva sincrónica al evaluar los datos morfológicos [...], es inexcusable reconocer que todo momento histórico sincronicamente considerado arrastra la herencia de sincronías pasadas”.

2. Origem do sufixo *-entar*

Segundo alguns gramáticos históricos, a construção de verbos em *-entar*, embora com raízes no latim, constitui um modelo formativo desenvolvido pelas línguas romance. Meyer-Lübke (1895, p. 664) refere a este propósito que

antare, entare a acquis en roman une importance considérable par son emploi tantôt plus étendu, tantôt plus restreint dans la formation de factitifs. Le latin littéraire, en fait de pareils verbes, n'avait admis que *praesentare* (rendre présent), mais les langues romanes montrent que le parler populaire en possédait davantage [...].

² Pereira (2016, p. 341) contabiliza 16 verbos denominais ou deadjetivais com estes esquemas circunfixais.

³ O esquema circunfixal *es-...-entar* encontra-se atestado apenas no verbo *esfugentar*.

Segundo este autor, terão sido formados por intermédio deste sufixo os seguintes verbos do português: *acalentar*, *ençugentar*, *adormentar*, *endurentar*, *aferventar*, *afugentar*, *amolentar*, *apascentar*, *empeçentar*, *apodrentar*, *apouquentar*, *apousentar*, *aquecer*, *enriquecer*, *asentar*, *aviventar*. Note-se, porém, que, em alguns casos, a motivação morfológica foi-se perdendo com o tempo (e.g. *acalentar*, *assentar*) ou então o verbo passou a ser analisado de outra forma pelas gerações posteriores (e.g. *a[quent]ar*).

Diez (1874, p. 373), por sua vez, considera que se trata de uma “*dérivation verbale tirée du participe présent*” (cf. *sedere*: *sedens* > *sedentare* ‘sentar’), produzindo-se desta forma verbos transitivos da 1.^a conjugação com significação factitiva a partir de verbos intransitivos.

Uma posição semelhante é tomada um século mais tarde por J. J. Nunes (1975, p. 382–383). Se, por um lado, apresenta *-ntar* como um sufixo, por outro, refere que é composto do sufixo *-ar* e *-nt-*, próprio do participípio do presente, sendo precedido das vogais características da primeira e da segunda conjugações (cf. *a-leva-ntar*, *quebra-ntar*, *a-brilha-ntar*, *a-que-ntar*, *a-cale-ntar*, *a-fuge-ntar*, *a-cresce-ntar*). Para este autor, este padrão formativo, de emprego restrito na língua literária, tornou-se popular nas línguas romance na formação de verbos causativos.

Said Ali (1964, p. 248) afasta-se das análises anteriores ao dividir os verbos terminados em *-entar* em dois subconjuntos, em função do modo como estes são criados ou construídos: (i) verbos em *-ar* derivados de adjetivos em *-ante*, *-ente*, *-ento* (e.g. *abrilhantar*, *aquecer*, *pacientar*, *violentar*, *aviventar*, *opulentar*, *peçonhentar*, *aparentar*, *ensanguentar*); (ii) verbos criados por analogia a partir destes, como *aformosentar*, *afugentar*, *amolentar*, *emagrentar*.

A hipótese da analogia pressupõe que os falantes têm a capacidade de, a partir de uma regularidade observável nas unidades lexicais existentes, deduzirem um padrão de formação de palavras que não fazia parte da gramática da geração anterior⁴. Nos verbos sob escopo, os segmentos *-e-* e *-nt-*, originariamente com funções morfológicas distintas (vogal temática e sufixo adjetivizador, respetivamente), passam a ser analisados como um único constituinte sufixal (*-ent-*), sendo usado na formação de verbos da 1.^a conjugação (*-entar*), como aparece registado em alguns dicionários do português contemporâneo (cf. ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, 2001, vol. I, p. 1438; HOUAISS *et al.*, 2002–2003, tomo III, p. 1505). Este processo de reanálise permitiu que, a partir de determinada altura, começassem a ser formados verbos sufixados e circunfixados a partir do radical de adjetivos simples, como em *escuro* > *[escur]entar*, *mole* > *a[mol]entar*, *podre* > *a[podr]entar*, *fraco* > *en[fraqu]entar*.

⁴ Segundo Anderson (2014, p. 283), “In general, ‘analogy’ is what happens when (a) some regularity in the grammar of a previous generation becomes isolated as a consequence of other changes, and the forms involved are brought under some other regular pattern; or else (b) the exceptional treatment of some form (e.g. an irregular past or plural formation) is not acquired by a subsequent generation, and as a result the form in question comes to be treated as subject to general processes.”

Como refere Anderson (2014), as mudanças morfológicas podem surgir historicamente de várias maneiras: (i) pelo empréstimo de vários itens que instanciam uma regularidade que é posteriormente incorporada na gramática; (ii) a partir de colocações originalmente formadas na sintaxe, mas formando um padrão estereotipado que é lexicalizado – um exemplo padrão disso é a reanálise de expressões latinas como *clara mente* (‘com uma mente clara’) para produzir a classe altamente produtiva de advérbios terminados em *-mente* nas modernas línguas românicas (port./esp. *claramente*, fr. *clairement*, etc.)⁵; (iii) pela reanálise de material morfológico existente na língua, da qual resultam entidades morfológicas com uma forma e/ou uma função diferentes.

Como já foi referido, a mudança morfológica ocorre geralmente na transmissão das estruturas linguísticas de uma geração para a seguinte. As regularidades estruturais subjacentes às unidades linguísticas para uma geração de falantes podem não ser recuperáveis de forma total e inequívoca pela geração subsequente e o resultado pode ser uma gramática parcialmente diferente (ANDERSON, 2014). A diferença entre as análises morfológicas promovidas por duas gerações contíguas pode não ser imediatamente evidente, uma vez que a maioria das formas de superfície pode ser essencialmente a mesma, mas ela revela-se quando a gramática é colocada ao serviço da criação de novas unidades linguísticas.

Yakov Malkiel (1941, p. 460) lança a hipótese de o surgimento do sufixo *-entar* configurar uma tentativa morfológica efetuada pelas línguas romance no sentido de eliminar a ambiguidade gerada pelos verbos formados com o sufixo *-escere*, que, ainda na língua latina, assumiu a dupla função de exprimir a mudança de estado ativa (causativa) a par da neutra (incoativa), que era a sua significação matricial. Segundo este autor, as línguas romance terão procurado eliminar esta fonte de ambiguidade através de expedientes sintáticos e morfológicos: por um lado, pela adição do clítico *se* ao verbo *-ecer* para marcar a variante neutra (e.g. *entristecer-se*); por outro, através da criação de novos tipos de formação de verbos explicitamente ativos ou causativos (e.g. *atristar*, *endurentar*).

3. Representatividade dos verbos em *-entar* na língua portuguesa

Como é notado por vários historiadores da língua portuguesa, existem verbos em *-entar* desde os primórdios da nossa língua. O *Dicionário de Verbos do Português Medieval*, que compreende itens lexicais registados em obras dos séculos XII a XIV, atesta a existência de cerca de uma dezena de verbos derivados com este constituinte sufixal, apresentando diferentes graus de motivação e de transparência morfo-semântica. Entre os verbos usados no Português Medieval, encontram-se

⁵ Esta ideia já se encontra em Vasconcelos, C. (1912-1914, p. 101-102).

acrescentar, açujentar, adormentar, aformosentar e suas variantes (*afermosentar, afremosentar*), *afugentar, mamentar, amolentar, apascentar, apoquentar, aviventar*. A esta fase da língua portuguesa pertencerão ainda os verbos *afedorentar, emagrentar, endurentar, enfraquentar, envelhentar, escurentar, pascentar*, cuja origem Houaiss Houaiss *et al.* (2002–2003) situam nos séculos XIV e XV.⁶

Se no século XVI ainda se regista um ligeiro crescimento, o século XVII é marcado pela estabilização do conjunto de verbos em *-entar*. O dicionário de Jerónimo Cardoso (1562–1563), o primeiro dicionário da língua portuguesa, acrescenta ao *corpus* medieval mais alguns verbos: *aferventar, amamentar, apeçonhentar, apodrentar, empeçonhentar, encarentar, ensangoentar*. Já no século seguinte, a confiar nos repertórios compostos por Bento Pereira (1647) e Raphael Bluteau (1712–1728), praticamente não se registam inovações lexicais com este elemento sufixal. Excetua-se o caso do verbo *avelhentar*, que Bluteau incorpora no seu extenso acervo.

Não obstante o surgimento de algumas criações esparsas ao longo dos séculos seguintes (e.g. *abolorentar, acarentar, esfugentar*), pode-se afirmar que o sufixo *-entar* entra em progressivo declínio durante o século XVIII, passando muitos verbos que integram este constituinte sufixal a ser vistos pelos falantes como antigos ou próprios de estádios anteriores da língua. O *Diccionario da lingua portugueza*, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, na sua 1.^a edição (1793), que ficou confinada ao tomo primeiro, relativo à letra A, descreve os verbos *açugentar, aferventar, aformosentar, amamentar, amolentar, apodrentar, apouquentar, arrefentar* como “antigos”, “antiquados” ou “desusados”, tendência que se prolonga pelo século XIX. Frei Domingos Vieira (1871) também reporta como antigos (ant.) ou “das primeiras edades da lingua” os verbos *açugentar, afraquentar, amedrentar, apascentar, apodrentar, empeçonhentar, endurentar, escurentar*.

Ao longo dos tempos notam-se também algumas alternâncias ao nível do elemento prefixal selecionado (cf. *acarentar* ~ *encarentar*; *afraquentar* ~ *enfraquentar*; *afugentar* ~ *esfugentar*; *apeçonhentar* ~ *empeçonhentar*; *avelhentar* ~ *envelhentar*). Noutros casos, os verbos circunfixados alternam com os verbos homólogos sufixados (cf. *apascentar* ~ *pascentar, amamentar* ~ *mamentar*), isto é, gerados sem o auxílio de qualquer constituinte prefixal. Por exemplo, no final do século XIX, Cândido de Figueiredo (1899) dá entrada a verbos como *ferventar* (“o mesmo que *aferventar*”), *formosentar* (“V. *aformosentar*”) e *ralentar* (“o mesmo que *arralentar*”), atestando-se, assim, a convivência de verbos sufixados e de verbos circunfixados na mesma sincronia.

⁶ Em alguns casos, como *acrescentar, adormentar, afugentar, aviventar* ou *afedorentar*, não se exclui que possam ter uma leitura diferente, como verbos deadjetivais. Nessa leitura, o segmento *-ent-* fará parte do corpo da base e não do sufixo.

4. Efeitos da competição afixal

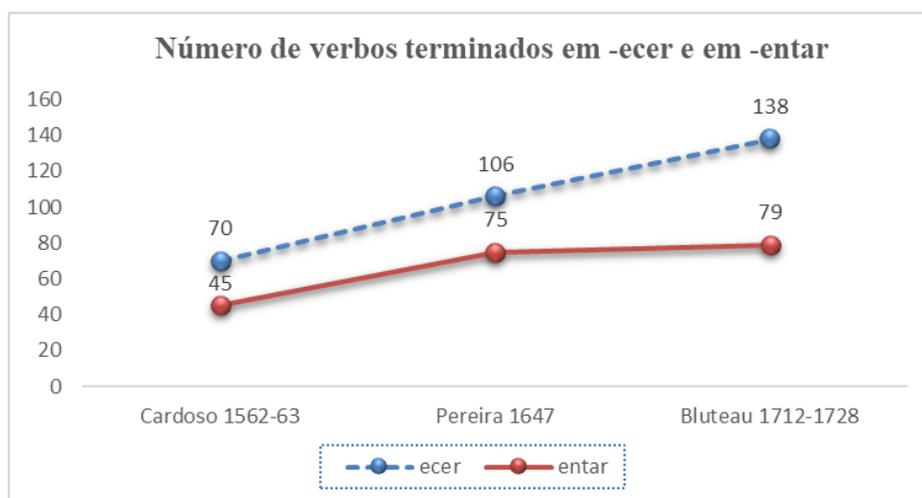
O desaparecimento de algumas palavras do sistema de uma língua é descrito por António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, na sua *Grammática Histórica da Língua Portuguesa*, da seguinte forma: “As palavras antigas nem sempre satisfazem; também envelhecem e vam-se gastando com o uso, como succede às moédas, e por fim sam postas de parte, depois de haver outras novas que as substituam”. (VASCONCELOS, A., 1900, p. 84).

Como vimos no apartado anterior, a diminuição da criação e uso de verbos em *-entar* terá ocorrido algures entre os séculos XVI e XVIII. Existem vários fatores que terão concorrido para essa perda de vitalidade, nomeadamente a pressão paradigmática exercida pelo sufixo *-ecer* e a valorização sociolinguística deste em relação a *-entar*.

(i) Pressão paradigmática de *-ecer*

O conjunto de verbos terminados em *-entar* sempre foi inferior ao número dos verbos terminados em *-ecer* ou *-escer*, a sua variante [+latina]. Isto acontece quando consideramos apenas os verbos derivados, mas também quando comparamos o total de verbos com essas terminações.

Gráfico 1 – Evolução do número de verbos em *-entar* e em *-ecer* nos séc. XVI, XVII e XVIII.



Fonte: Elaboração própria.

Um padrão formativo com maior número de representantes e/ou de uso mais frequente tem mais probabilidade de ser replicado do que outro menos usado. Acresce ainda o facto de *-entar* ter um significado prototipicamente mais restrito que *-ecer*. Enquanto *-entar* entra na formação de verbos de valor marcadamente factitivo ou causativo (e.g. *apodrentar*: ‘tornar podre’; *endurentar*: ‘tornar duro’), -

ecer junta o valor causativo ao valor incoativo matricial (e.g. *apodrecer*: ‘tornar ou ficar podre’; *endurecer*: ‘tornar ou ficar duro’), como se pode ver nos exemplos que se seguem:

- (6) *Apodrecer*
 - a. Existe um fungo que apodrece as uvas. (uso causativo)
 - b. As uvas apodreceram. (uso incoativo)

- (7) *Endurecer*
 - a. O calor endureceu o pão. (uso causativo)
 - b. O pão endureceu. (uso incoativo)

O facto de se usar *-ecer* para expressar eventos causativos é manifesto já no século XVI, como se pode comprovar no dicionário de J. Cardoso (1562-63).

- (8) Adormecer a outrem. Sopio, is.
Adormecerse. Obdormisco, is.
Adormentar a outrem. Soporó, as.
(CARDOSO, 1562-63, p. 7)

Embora o que estivesse em causa fosse a correspondência com as palavras latinas, fica evidente a possibilidade de, a par do uso incoativo (*Adormecerse*), o verbo *adormecer* ter um uso causativo (*Adormecer a outrem*), que é o único valor previsto para *Adormentar* (*Adormentar a outrem*). Esta tendência está amplamente atestada em muitos outros verbos (e.g. *emmagraçer / emmagraçer a outrem*; *endoudecer / endoudecer a outrem*; *enfraqecer / enfraqecer a outrem*) e mantém-se nos séculos seguintes.

Ou seja, é possível prescindir do verbo em *-entar* uma vez que a língua dispõe de um outro operador sufixal, *-ecer*, que também tem a capacidade de expressar eventos causativos, mas que, comparativamente, tem maior representatividade na língua portuguesa e que, como veremos a seguir, é mais valorizado sociolinguisticamente.

(ii) Valorização sociolinguística de *-ecer*

O processo de relatinização do português, que teve a sua maior expressão no ambiente renascentista do século XVI, levou à recuperação e preferência de muitas formas em *-ecer*. Neste

período, é plausível que alguns dos verbos em *-entar* tenham deixado de ser usados em favor dos corradicais em *-ecer*, um constituinte sufixal com grande tradição na língua latina (e.g. *abolorentar* por *abolorecer*, *amolentar* por *amolecer*, *apodrentar* por *apodrecer*, *endurentar* por *endurecer*). Por exemplo, em *Os Lusíadas* (1570), de Luís de Camões, os verbos terminados em *-entar* são quase residuais, sobretudo se comparados com o conjunto de verbos em *-ecer* (cf. VERDELHO, 1981).

Quadro 2 – Verbos em *-entar* e em *-ecer* atestados em “Os Lusíadas”.

Terminação	Verbos atestados em “Os Lusíadas”
-entar	<i>apacentar, acrecentar, afugentar, amedrentar</i>
-ecer	<i>endoidecer, engrandecer, enverdecer, adormecer, encarecer, esclarecer, enobrecer, apodrecer, florecer, favorecer, escurecer, endurecer, entristecer, enfraquecer, enrouquecer, encrucecer, ensorbevecer</i>

Fonte: Elaboração própria.

No final do século XVIII, época marcada pelos ideais do neoclassicismo, começam a surgir em alguns dicionários anotações e observações de carácter sociolinguístico que refletem a percepção epocal sobre a relação de forças existente entre estes dois sufixos. Por exemplo, o Dicionário de Moraes Silva (1789) refere o seguinte a propósito de *apodrentado*, *apodrentar*, *afraqueitar* e *enfraqueitar*:

(9) **Apodrentado, apodrentar**, e deriv. v. *apodrecido, apodrecer*, e deriv.

(10) **Afraqueitar**, v. a. ant. e pouco us. *Enfraquecer*

(11) **Enfraqueitar** v. *Enfraquecer*

Para além das referências ao carácter antigo e ao fraco uso do verbo *Afraqueitar*, transparece, pela remissão, a maior saliência dos verbos em *-ecer* e a sua preferência em relação aos verbos em *-entar*.

Também Domingos Vieira (1871) deixa transparecer a ideia de que os verbos em *-ecer* são linguisticamente mais salientes dos que os homólogos em *-entar*. Nos verbetes dos verbos construídos com *-entar*, a par de referências ao carácter arcaico desses itens, faz regularmente remissões para os homólogos verbos em *-ecer*.

(12) **AMOLENTAR**, v. a. Viterbo recolheu esta forma no sentido de abrandar, enternecer, enfraquecer, relaxar. Vid. **Amollecer**.

- (13) **AFRAQUENTAR**, *v. a. ant.* De fraco, com a terminação frequentativa. Alquebrar, enfraquecer, debilitar, quebrantar, afracar, fraquear. [...] Vid. **Enfraquecer**.
- (14) **APODRENTAR**, *v. a. ant.* O mesmo que *Apodrecer*, na sua forma frequentativa.
- (15) **ENCARENTAR**, *v. a.* Vid. **Encarecer**.
- (16) **ENDURENTAR**, *v. a. ant.* Endurecer, callejar.
- (17) **ENFRAQUENTAR**. Vid. **Enfraquecer**.
- (18) **ESCURENTAR**. Termo antigo. Vid. **Escurecer**.

O facto de se tratar de um constituinte afixal menos prestigiado em termos sociolinguísticos estará também na base da substituição de alguns verbos em *-entar* por corradicais não sufixados ou formados através de outros esquemas afixais. Por exemplo, o verbo *açujentar* ~ *açugentar*, cuja grafia denuncia o seu carácter arcaico, foi preterido em favor de *açujar* e *çujar* ~ *sujar*. Tanto o Dicionário de Moraes Silva (1789, tomo 1, p. 25) como o Dicionário da Academia de 1793, a propósito do termo *açugentar*, afirmam que se trata de um termo antiquado, usando-se o verbo *çujar* em sua vez.

Numa língua perfeita, haveria apenas uma maneira de expressar um significado, todavia não é isso que normalmente acontece nas línguas naturais: frequentemente há mais do que uma maneira de expressar a mesma noção, o que motiva situações de rivalidade ou competição. Nos casos mais simples de competição, uma das alternativas sai vitoriosa, enquanto a outra desaparece. No entanto, também pode acontecer que uma das alternativas se afirme como a expressão de um padrão, encontrando a outra um nicho de aplicação próprio (LINDSAY; ARONOFF, 2013). Como notam Aronoff e Lindsay (2014, p. 4-5),

The distribution that we see at any stage of the language is a resolution of this competition, with each allophone and allomorph settling into a particular environment or niche. Most of the time, one allophone or allomorph will emerge as dominant, while the others will be more specialized. The dominant variant is the default. Of course, no distribution is completely stable, since no language is perfect.

Ora, o decréscimo da produção de verbos em *-entar* num período latinizante, mais propenso ao uso de elementos de origem latina, de que *-ecer* é exemplo, associado ao maior número e, provavelmente, à maior frequência de uso de verbos com este esquema afixal, levou à gradual substituição de verbos em *-entar* pelos corradicais em *-ecer*. António Ribeiro de Vasconcelos (1900, p. 96) descreve este processo da seguinte forma:

A eliminação de um vocábulo não se faz subitamente; é gradualmente que elle vai cáindo em desuso, sendo-lhe preferido o synónimo. Se esta preferência se dá numa geração, a geração seguinte já quasi nenhum uso faz do primeiro e usa quasi exclusivamente o segundo; aquelle vai-se tornando não só desusado mas também desconhecido, até que chega o tempo em que só um ou outro velho o conhecem. Estes mesmos abstêm-se de o empregar, porque se vexam de usar tal velharia, e assim se extingue o vocábulo.

Aronoff (2016), sistematizando a reflexão desenvolvida em Lindsay e Aronoff (2013) e Aronoff e Lindsay (2014), considera que, à imagem do que acontece nos ecossistemas biológicos, os paradigmas morfológicos organizam-se e evoluem através do processo de seleção natural. A aplicação da ideia da seleção natural aos factos linguísticos não é nova. Na aurora do século XX, António Ribeiro de Vasconcelos já referia o seguinte:

Ha na língua palavras robustas, que tẽem notaveis condições de vida e de resistência, e que por isso permanecem indefinidamente, enquanto não houver causas externas que as eliminem; outras, sendo atacadas pelas diversas causas de destruição que ha nas línguas, vam enfraquecendo até perecẽem, ficando a substituí-las outras palavras. Assim se realiza no vocabulário uma verdadeira selecção natural. (VASCONCELOS, A., 1900, p. 95).

Mas, tal como acontece no mundo biológico, o resultado da competição entre duas unidades morfológicas nem sempre é a eliminação de uma delas. De facto, se é verdade que muitos verbos em *-entar* se transformaram em arcaísmos e deixaram de ser usados, pelo menos na língua padrão, outros há que escaparam a esse destino (e.g. *amamentar*, *afugentar*, *ensanguentar*). Como nota Aronoff (2016), a competição é um fenómeno comum e natural em morfologia pois “although one competitor is usually more common than the other in any given environment at any given point in time, competition is rarely completely resolved. In that sense, doublets comprise a common phenomenon [...]”. (ARONOFF, 2016, p. 47).

Difícilmente no domínio da morfologia derivacional encontramos duas unidades totalmente isofuncionais. Tal também não acontece entre *-entar* e *-ecer*, uma vez que não existe uma semelhança tão completa e tão perfeita entre as condições de aplicação destes dois sufixos que possamos usá-los indiferentemente em todos os co(n)textos (cf. *amamentar* vs **amamecer* / *amanhecer* vs **amanhentar*).

Duas unidades morfológicas podem coexistir se conseguirem diferenciar de alguma forma. Não é obrigatório que um esquema afixal mais fraco seja extinto. Pode sobreviver se encontrar um nicho de aplicação que o diferencie do(s) tipo(s) mais forte(s), ou seja, um conjunto de variáveis linguísticas (morfológicas, fonológicas, sintáticas, semânticas ou pragmáticas) que singularizem a aplicação deste padrão derivativo, seja em termos das estruturas de *input* que seleciona, seja em termos das propriedades que definem as palavras que geram. Vejamos alguns exemplos.

No domínio da formação de nomes de evento deverbais, o sufixo *-ção* é o constituinte afixal com maior produtividade atual, mas não se anexa a bases complexas que integram *-ec-* e *-esc-* quer como sufixos, quer em circunfixação (e.g. **aqueção*, **floresção*, **amadurição*). Este tipo de bases é selecionado preferencialmente pelos sufixos *-mento* (e.g. *aquecimento*, *florescimento*, *amadurecimento*) e *-nci(a)* (e.g. *florescência*, *ensurdecência*). Por sua vez, o sufixo *-mento* geralmente não se acopla a bases que contêm os constituintes sufixais *-iz-* e *-ific-* (e.g. **caramelizamento*, **clarificamento*), ao contrário de *-ção* (e.g. *caramelização*, *clarificação*) (RODRIGUES, 2016b, p. 179-188).

Também no domínio da formação de verbos denominais e deadjetivais podemos encontrar bons exemplos do que se entende por nicho de aplicação. Embora *-izar* seja o sufixo verbalizador mais produtivo, para a formação de verbos que designam eventos iterativos, isto é, eventos cuja realização requer a repetição contínua de subeventos do mesmo tipo, o português recorre preferencialmente a *-e-* e *-ej-* quer como sufixos (e.g. *chicotear*, *gotejar*), quer em circunfixação (e.g. *espernear*, *esbracejar*) (PEREIRA, R., 2016, p. 324-326, 339-341).

O sufixo *-ificar* é outro bom exemplo, pelo tipo de bases que seleciona. Cerca de 30% das formas de base a que se acopla o sufixo *-ificar* são bases marcadas com o traço [+latino] ou [+erudito] (e.g. *acetificar*, *albificar*, *aurificar*, *petrificar*). Esta particularidade permite-lhe, por exemplo, sobreviver em situações de competição com outros processos verbalizadores (e.g. *acetificar/azedar*; *dulcificar/adoçar*; *petrificar/apedrejar*). Acresce ainda o facto de muitos verbos formados com este sufixo fazerem parte das terminologias de diversos domínios técnico-científicos, nomeadamente da (Fisio)Química e da Medicina (cf. *acetificar*, *dulcificar*, *ossificar*, *vinificar* etc.).⁷

Mas voltemos aos verbos em *-entar*. Poucos são os verbos com este constituinte sufixal que se perpetuaram até ao presente. No âmbito da norma padrão do Português Europeu, encontramos

⁷ Sobre a competição entre os sufixos verbalizadores *-ificar* e *-izar*, ver Pereira (2012a; 2012b). Para o inglês, ver Lindsay e Aronoff (2013).

sobretudo verbos analisáveis como deverbais causativos (e.g. *amamentar*, *afugentar*, *acrescentar*, *aferventar*, *apascentar*). Nestes exemplos, não sendo inequívoca a definição semântico-categorial das bases em causa, é frequentemente ativada na mente dos falantes a relação derivativa entre um verbo simples e um verbo que designa a sua causação: cf. *afugentar*: ‘fazer fugir’; *amamentar* ‘dar de mamar’, etc. Ou seja, um verbo como *amamentar* terá uma representação lexical como (21), na qual se descreve a estrutura léxico-conceptual (ELC) e a estrutura argumental (EArg) que lhe estão associadas⁸.

- (19) *amamentar*: V
 ELC: [[x AGIR] CAUSAR [y mamar]]
 EArg: x, y

A ELC dá conta do facto de o verbo *amamentar* designar um evento causativo, no qual intervêm duas entidades, *x* e *y*. Em termos argumentais (EArg), indica-se que o elemento causador ocorre como argumento externo (x), representado pelo sublinhado; por sua vez, a entidade afetada pela ação causativa (*y*) ocupará a posição de argumento interno, ocorrendo como complemento direto. A frase que se segue é uma instanciação deste esquema.

- (20) A Joana_x *amamenta* o filho_{*y*} todos os dias.

Existem ainda alguns verbos, como *apoquentar* e *ensanguentar*, que sobrevivem seja pela inexistência de unidades rivais que com eles compitam na expressão dos significados em causa, seja porque, tal como muitos outros acidentes e irregularidades com que nos confrontamos na morfologia derivacional, resultam do facto de o português ser uma língua histórica. Em virtude de determinadas idiossincrasias, algumas palavras continuam a ser usadas para além do período em que o processo derivativo se manteve produtivo. Como nota Viaro (2012, p. 276), em muitos casos, os fatores que determinam a manutenção ou abandono de uma palavra do léxico da língua são apenas parcialmente compreendidos e, por vezes, parecem mera obra do acaso. Pode ainda acontecer que uma palavra desapareça da língua padrão, mas continue a usar-se numa ou noutra variedade dialetal ou socioletal (e.g. *amolentar*, *apodrentar*) refletindo as vicissitudes históricas a que o operador sufixal *-entar* esteve sujeito.

⁸ O modelo de representação adotado é inspirado nos modelos de Lieber (1998, 2004) e Plag (1999).

Conclusão

Para a formação de verbos, a língua portuguesa dispõe de vários processos afixais e não afixais. Um dos operadores sufixais usados é *-entar*, que ocorre maioritariamente em circunfixação (*amamentar*, *apodrentar*), embora também possa ser ativado isoladamente (*escurentar*) sem a coocorrência de elementos prefixais. No caso dos verbos circunfixados, nota-se a preferência pelo esquema *a... entar*, registando-se, no entanto, ao longo da história alternâncias entre o uso e o não uso do elemento prefixal (*arralentar/ralentar*, *mamentar/amamentar*, *aformosentar/formosentar*) e alternâncias entre elementos prefixais (*apeçonhentar/empeçonhentar*, *afugentar/esfugentar*).

Não fazendo parte do grupo de sufixos usados na formação de verbos em latim, a origem de *-entar* tem obtido da parte dos linguistas e gramáticos diversas explicações. A hipótese sustentada neste artigo é a de que resulta da reanálise de material morfológico existente na língua, mais concretamente da associação da vogal temática *-e-* e do sufixo *-nt-*, próprio do particípio presente, os quais a partir de determinada altura passam a ser analisados como uma única unidade sufixal (*-ent-*) formadora de verbos causativos da primeira conjugação.

O *corpus* de verbos em *-entar* é, em grande parte, construído até ao final do século XVI. Após esse período, são residuais as novas formações em *-entar* e muitas delas caem em desuso em favor sobretudo de verbos corradicais em *-ecer*, um elemento sufixal com maior representatividade na língua e mais prestigiado sociolinguisticamente. Não obstante, podemos ainda encontrar na língua portuguesa alguns verbos em *-entar*, nomeadamente verbos deverbais causativos (e.g. *afugentar*, *amamentar*), confirmando a ideia de que, no interior de um paradigma derivacional, podemos encontrar afixos menos competitivos a par de um ou mais afixos dominantes. Isto é possível se os afixos menos competitivos encontrarem um nicho de aplicação que os diferencie.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Stephen. Morphological Change. In: BOWERN, Claire; EVANS, Bethwyn (Eds.). **The Routledge Handbook of Historical Linguistics**. London and New York: Routledge, 2014. p. 264-285.
- ARIM, Eva; FREITAS, Tiago. Parassíntese e conversão: uma nova explicação para um velho problema. In: **Actas do XVIII Encontro Nacional da APL**. Lisboa: APL, 2003, p. 145-159.
- ARONOFF, Mark. Competition and the lexicon. In: ELIA, Annibale; IACOBINI, Claudio; VOGHERA, Miriam (Eds.). **Livelli di Analisi e fenomeni di interfaccia**. Atti del XLVII Congresso Internazionale della Società di Linguistica Italiana. Roma: Bulzoni Editore, 2016, p. 39-52.
- ARONOFF, Mark; LINDSAY, Mark. Partial organization in languages: la langue est un système où la plupart se tient. In: AUGENDRE, Sandra; COUASNON-TORLOIS, Graziella; LEBON, Déborah; MICHARD, Clément; BOYÉ, Gilles; MONTERMINI, Fabio (Eds.). **Proceedings of Décembrettes 8**. Bordeaux: CLLE-ERSS, 2014, p. 1-14.
- BOOIJ, Geert. **Construction Morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, Geert. Construction Morphology. In: HIPPISEY, A.; STUMP, G. (Eds.), **The Cambridge Handbook of Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 424-448.
- CARVALHO, José G. Herculano de. **Teoria da linguagem**. Natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas. Tomo II, 4ª reimp. Coimbra: Coimbra Editora, 1984.
- CARVALHO, Mário de. Conselho a um novo escritor. **Portal da Literatura**, 16.05.2013. Disponível em: https://www.portaldaliteratura.com/cronicas.php?id=95&fb_comment_id=552162474826481_5901108. Acesso em: 09 set 2019.
- CLAMOTE, Francisco. **Terra dos Espantos**. 4 de janeiro de 2009. Disponível em: <http://terradosespantos.blogspot.com/2009/01/no-me-aqueça-nem-arrefenta.html>. Acesso em: 06 set 2019.
- DIEZ, Frédéric. **Grammaire des langues romanes**. Troisième édition refondue et augmenté, Tome II. Paris: A. Franck, 1874.
- FERREIRA, Antunes. **Travessa do Ferreira**. 24 de setembro de 2008. Disponível em: <http://travessadoferreira.blogspot.com/2008/09/h-dias-em-que-antunes-ferreira-manuela.html>. Acesso em: 09 set 2019.
- LIEBER, Rochelle. The suffix *-ize* in English: implications for Morphology. In: LAPOINTE, S. G.; BRENTARI, D. K.; FARRELL, P. M. (Eds.). **Morphology and its Relation to Phonology and Syntax**. Stanford: CSLI Publications, 1998. p. 12-33.

- LIEBER, Rochelle. **Morphology and Lexical Semantics**. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 2004.
- LINDSAY, Mark; ARONOFF, Mark. Natural selection in self-organizing morphological systems. In: MONTERMINI, Fabio; BOYÉ, Gilles; TSENG, Jesse (Eds.). **Morphology in Toulouse**. Selected Proceedings of Décembrettes 7. Munich: Lincom Europa, 2013. p. 133–153.
- MAGALHÃES, José Fernandes. **Atributos**. 9 de outubro de 2009. Disponível em: http://atributos-1.blogspot.com/2009/10/cansaco_09.html. Acesso em: 09 set 2019.
- MALKIEL, Yakov. Atristar-entristecer: adjectival verbs in Spanish, Portuguese and Catalan. **Studies in Philology**, vol. 38, p. 429–461, 1941.
- MARCHAND, Hans. **The Categories and Types of Present-day English Word-formation**. A synchronic–diachronic approach. 2nd edition. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1969.
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm. **Grammaire des langues romanes**. Tome II: Morphologie. Traduction par Auguste Doutrepoint e Georges Doutrepoint. Paris: H. Welter Éditeur, 1895.
- NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. Fonética e Morfologia. 8.ª edição. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1975.
- PAIVA, Manuel José de. **Infermidades da Lingua, e Arte que a ensina a emmudecer para melhorar**. Lisboa: na Of. de Manoel Antonio Monteiro, 1759.
- PEREIRA, Rui. Diacronia dos sufixos *-izar* e *-ificar* em português. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**, vol. VI. Campo Grande, MS: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2012. p. 283–302.
- PEREIRA, Rui. **Formação de Verbos em Português**. Afixação Heterocategorial. Muenchen: Lincom Europa, 2007.
- PEREIRA, Rui. Formação de verbos. In: RIO-TORTO, Graça (Coord.) *et al.* **Gramática Derivacional do Português**. 2.ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 297–355.
- PEREIRA, Rui. Relações intraparadigmáticas na derivação verbal: *-izar* versus *-ificar*. In: CAMPOS SOUTO, Mar; MARIÑO PAZ, Ramón; PÉREZ PASCUAL, José Ignacio; RIFÓN SÁNCHEZ, Antonio (Eds.). «**Assi como es de suso dicho**». Estudios de morfología y léxico en homenaje a Jesús Pena. San Millán de la Cogolla: Cilengua, 2012. p. 393–405.
- PLAG, Ingo. **Morphological Productivity**. Structural Constraints in English Derivation. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1999.
- RIO-TORTO, Graça Maria. **Morfologia derivacional**. Teoria e aplicação ao Português. Porto: Porto Editora, 1998.

- RODRIGUES, Alexandra Soares. **A gramática do léxico: morfologia derivacional e o léxico mental**. München: Lincom, 2015.
- RODRIGUES, Alexandra Soares. Noções basilares sobre a morfologia e o léxico. In: RIO-TORTO, Graça (Coord.) *et al.* **Gramática Derivacional do Português**. 2.^a ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016, p. 35-133.
- RODRIGUES, Alexandra Soares. Nomes deverbais. In: RIO-TORTO, Graça (Coord.) *et al.* **Gramática Derivacional do Português**. 2.^a ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 176-240.
- ROLLAND, Francisco. **Adagios, proverbios, rifãos e anexins da lingua portugueza [...]**. Lisboa: Typ. Rollandiana, 1780.
- SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Lexeologia e formação de palavras e sintaxe do português histórico. 3.^a edição melhorada e aumentada. Estabelecimento do texto, revisão, notas e índices pelo Prof. Maximiano de Carvalho e Silva. S. Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.
- SERRANO-DOLADER, David. Tensiones entre sincronía y diacronía en la descripción de la morfología léxica del español: el caso de la Nueva gramática de la lengua española (NGRAE). In: CAMPOS SOUTO, Mar; MARIÑO PAZ, Ramón; PÉREZ PASCUAL, José Ignacio; RIFÓN SÁNCHEZ, Antonio (Eds.). «Assi como es de suso dicho». Estudios de morfología y léxico en homenaje a Jesús Pena. San Millán de la Cogolla: Cilengua, 2012. p. 485-498.
- SILVA, Luiz Augusto Rebello da. Rausso por homizio. **Revista Universal Lisbonense**, tomo II (1842-43). Lisboa: Imprensa Nacional, 1843.
- VASCONCELOS, António Garcia Ribeiro de. **Grammática histórica da língua portuguesa**. VI e VII classes do curso dos lyceus. Paris/Lisboa: Aillaud, Alves & C.^{ia}, 1900.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. **Filologia portuguesa: prelecções feitas pela exm^a sr^a D. Carolina Michäelis de Vasconcelos doutora em Filologia, ao curso do 1^o anno da Faculdade de Letras**, 2 vols. Coimbra: Tipografia Comercial, [1912-1914].
- VASCONCELOS, J. Leite de. Apontamentos filologicos (português). **Romania**, tome 48, n.º 189, p. 117-124, 1922.
- VASCONCELOS, Jorge Ferreira de. **Comedia Eufrosina**. Coimbra: João de Barreira, 1555.
- VERDELHO, Telmo. Dicionários: testemunhos da memória linguística. In: BRITO, Ana Maria; FIGUEIREDO, Olívia; BARROS, Clara (Org.). **Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa**. Porto: Faculdade de Letras/Secção de Linguística do Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos, 2004. p. 413-427.
- VERDELHO, Telmo. **Índice Reverso de «Os Lusíadas»**. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1981.

- VIARO, Mário Eduardo. A produtividade dos sufixos do ponto de vista diacrônico. In: LOBO, Tânia; CARNEIRO, Zenaide, SOLEDADE, Juliana; ALMEIDA, Ariadne; RIBEIRO, Silvana (Orgs.). **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 275-292.
- VILLALVA, Alina. Formação de palavras: afixação. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. 5.ª edição. Lisboa: Caminho, 2003. p. 939-967.
- VILLALVA, Alina. Bare Morphology. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, Vol. 8, p. 121-141, 2013.
- ZWANENBURG, Wiecher. La distribution des catégories lexicales en morphologie française. In **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza**. Sezione 2: Morfologia e sintassi delle lingue romanze. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998, p. 867-874.

Bases de dados lexicográficas

- ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA (Ed.). **Diccionario da lingua portugueza**, Tomo primeiro A. Lisboa: na Officina da mesma Academia, 1793.
- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (Ed.). **Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea**. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa / Editorial Verbo, 2001.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez e latino** [...], 10 vols. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728.
- CARDOSO, Jerónimo. **Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem**. Coimbra: João Álvares, 1562-1563.
- CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA (ed.). **Dicionário de Verbos do Português Medieval**. Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt/gencontent.jsp?id=5>. Acesso em: 07 jul 2019.
- FIGUEIREDO, Candido de. **Nôvo dicionário da língua portuguesa**, 2 vols. Lisboa: Livraria Editôra Tavares & Irmão, 1899.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello (Dir.). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**, 6 tomos. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002-2003.
- MACHADO, José Pedro (Coord.). **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**, 6 vols. Lisboa: Alfa, 1991.
- NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa**. Segunda tiragem do I tomo. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica / Livraria Francisco Alves / Livraria S. José / Livros de Portugal, 1955.

PEREIRA, Bento. **Thesouro da lingua portuguesa**. Lisboa: officina de Paulo Craesbeeck, 1647.

SILVA, António de Moraes. **Diccionario da lingua portugueza** [...]. Lisboa: Of. de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

VIEIRA, Frei Domingos. **Grande Diccionario Portuguez / Thesouro da Lingua Portugueza**, 5 vols. Porto: Em Casa dos Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874.

Vocabulário Ortográfico do Português. Disponível em: <http://www.portaldalingua.portuguesa.org/vop.html>. Acesso em: 07 jul 2019.